

Quando a experiência desmente as teorias

M. S. — Qual é a sua definição da prospecção em medicina?

René Dubos — Você vê que estou aparentemente, e para a minha idade, em bom estado. Na minha adolescência, tive um reumatismo articular agudo, que me deixou com uma lesão cardíaca, tanto que tive de organizar minha vida em função dela. Tenho 79 anos e sou fisicamente muito ativo. Por causa de atividades físicas excessivas, há um ano, tive e tenho ainda uma fibrilação auricular. Os meios de que dispono para que um indivíduo continue a viver normalmente até a idade de 90 anos, mesmo com uma doença crônica, me parecem cada vez mais consideráveis. Esta filosofia empírica da pesquisa médica se opõe totalmente à dos absolutistas, aqueles que esperam que soluções radicais virão da pesquisa fundamental e somente dela.

M. S. — No fundo, o senhor desmente a "utopia" da cura total.

R. D. — Sim, e é curioso que eu tenha chegado a esse ponto, pois antigamente eu era essencialmente fundamentalista. Mas, fora do meu laboratório, percebi que milhares de pessoas ao meu redor sofriam de uma doença cuja origem e evolução eram desconhecidas e para a qual não existia nenhum tratamento. Imediatamente mudei de atitude em relação à medicina. Considero, porém, a molécula química que impede a anemia perniciosa, ou a digitoxina, que mantém meu coração funcionando,

como verdadeiras drogas milagrosas, que, além de curarem, possibilitam uma existência relativamente normal.

M. S. — Qual sua opinião sobre as drogas psicotrópicas que, além de ajudarem a viver, podem melhorar nossa memória, nossa libido ou nos tornar eufóricos?

R. D. — Lido muito sobre isso. Sou muito cético sobre o assunto, não sobre a eficiência dessas substâncias, mas sobre as possibilidades reais de manipular o indivíduo. Existe no homem uma resistência tal que o mais potente psicotrópico não poderia abolir seu livre-arbítrio. Comprovo que homens e mulheres que têm personalidade, um certo domínio sobre seu comportamento, conseguem o que querem apesar das pressões negativas. Exprimo aqui minha extrema confiança no poder do homem em controlar, ele mesmo, sua vida.

M. S. — As manipulações do psiquismo através dos psicotrópicos ou da eletrônica podem beneficiar as doenças mentais?

R. D. — Sim, talvez, sem dúvida. Mas, para responder à sua pergunta, devo exprimir-lhe uma convicção profunda que tenho.

Nenhuma doença tem uma causa simples. É verdade que certos mecanismos bioquímicos e fisiológicos perturbados podem estar na origem das doenças mentais. Mas estas não se manifestam necessariamente toda vez que

ocorre uma perturbação bioquímica. São necessárias circunstâncias particulares, um meio ambiente especial que, no final de contas, decidem se uma perturbação vai tornar-se uma doença real ou se, pelo contrário, não se manifestará. Lembro-me de um caso pessoal.

Minha primeira mulher era francesa. Seu pai era um operário que trabalhava com porcelana. Minha mulher tinha boa saúde, vivíamos em Nova York, em 1942. De repente, ela teve uma tuberculose e morreu. Tentei saber por quê. Examinei seu passado. Seu pai tinha morrido por causa de uma sífilose tuberculosa. Ela havia tido, na infância, aos seis anos, uma tuberculose que havia sarado espontaneamente e sem tratamento particular, como geralmente acontece. Em seguida, veio a guerra. Não sofríamos nada nos Estados Unidos, mas minha mulher estava muito perturbada com o que se passava na França. Sua tuberculose se reativou repentinamente. Ficou internada num sanatório e voltou, aparentemente curada, para Nova York. Um dia, passando diante do Carnegie Hall, a famosa sala de concertos de Nova York, ela, que era pianista, percebeu que não estava mais fisicamente apta para tocar. Sua tuberculose reativou-se novamente e, dois meses depois, ela morreu.

Observe esta interação dos fatos sobre a saúde física e mental em vários casos, inclusive comigo mesmo. Este caso parece ser de grande banalidade e,

no entanto, é tão tragicamente verdadeiro. Tive uma úlcera em duas circunstâncias: a primeira, em 1921, quando não conseguia emprego, ao sair da escola de agronomia; a segunda, numa época em que estava feliz, mas arcava com pesadas responsabilidades.

Vejo constantemente em torno de mim o mesmo fenômeno. A doença é um refúgio, uma resposta ao stress da vida.

Tenho a impressão de que a doença mental não é muito diferente, nesse sentido, do caso de tuberculose de que lhe falei: existe, segundo as estruturas da vida, um estado de propensão à doença. Isto também é verdade para os remédios, que são mais ou menos eficazes de acordo com o estado em que nos encontramos no plano efetivo. Estamos no caminho de uma evolução extraordinária da medicina. As grandes descobertas, na minha opinião, não virão dos fenômenos celulares, bioquímicos, mas do fato de que se começará a compreender os mecanismos centrais que condicionam a afetividade. O que me espanta é que, nos últimos quatro ou cinco anos, uma série de fenômenos foi estabelecida de uma maneira muito precisa. A dor, por exemplo: o efeito analgésico da acupuntura seria consequência do fato de que ela estimula a produção endógena de encefalinas no cérebro. Esta é uma observação empírica, mas, se ela for comprovada, a ciência intervirá para explorá-la a fundo.